



## POÉTICA DAS SEXUALIDADES DISSIDENTES EM ARARIPE COUTINHO<sup>1</sup>

### POETICS OF DISSIDENT SEXUALITIES IN ARARIPE COUTINHO

Jaime Santana Neto<sup>2</sup>  
Paulo César Souza Garcia<sup>3</sup>

**Resumo:** Subestimado em Sergipe, o poeta Araripe Coutinho tornou-se um sujeito fora-de-centro ao produzir obras estranhadas de sentidos e potencializadas de subjetividades que transgridem a heteronormatividade e o patriarcado. Este trabalho visa apontar significados referentes às sexualidades dissidentes na literatura de Coutinho, considerando o primeiro livro “Amor Sem Rosto”, publicado em 1989. A pesquisa se debruça nos textos do autor que busca criar a si, usando linguagens do cotidiano que movem as relações afetivas e se constituem em signos que operam a poética queer do poeta.

**Palavras-Chave:** Araripe Coutinho. Poesia. Sexualidades dissidentes. Crítica cultural.

**Abstract:** Underestimated in Sergipe, the poet Araripe Coutinho became an out-of-center subject when he produced works that were estranged from meanings of potentiated subjectivities that transgress heteronormativity and patriarchal. This work aims to point out meanings related to dissident sexualities in Coutinho’s literature considering the first book “Amor Sem Rosto”, published in 1989. The research focuses on the texts of the author who seeks to create himself using everyday languages that move relationships and affect constitute signs that operate the poet’s queer poetics.

**Keywords:** Araripe Coutinho. Poetry. Dissident sexualities. Cultural criticism.

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 15 de agosto de 2021 e aceito para publicação em 29 de setembro de 2021.

<sup>2</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Departamento de Linguística, Literatura e Arte da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: jaimenetoparticular@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2142-932X>.

<sup>3</sup> Doutor e professor titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e orientador de Jaime Santana Neto. E-mail: [pgarcia@uneb.br](mailto:pgarcia@uneb.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7208-6358>.

## Introdução

Este artigo surge da tentativa de entender a produção escrita/poética do carioca, radicado sergipano, Araripe Coutinho. Seus escritos, desde o início de sua vida enquanto poeta, podem ser localizados a partir da dissonância entre o socialmente aceitável e o excretado pelo olhar desatento de quem não percebe a pluralidade humana. Muitas vezes considerado um escritor caricato e marginal, justamente, por sua postura diante das relações sociais, Araripe Coutinho burlou leis econômicas e de gênero, e construiu uma vasta produção, ao longo dos seus 46 anos; sempre misturando o sagrado e o profano, de forma a justificar fazeres e castigos, transcorrendo assim livremente pela sua homossexualidade e por uma, ainda não analisada, bruma *Queer* (termo que na época da primeira obra araripiana - 1989 - ainda estava em construção nos confins dos Estados Unidos). Araripe Coutinho, certamente foi um *dândi* na construção de suas poesias, onde entregou, de forma livre, todos os seus prazeres, defeitos e amores; fatores estes que o deflagraram enquanto um artista subalternizado, que o fazia também um sobrevivente diante de tantos sacrifícios em nome de sua escrita.

Declaradamente homossexual, sua figura icônica e produção poética sofreram, ainda que não de forma velada, barreiras que o afastou de ser reconhecido em Sergipe, e no Brasil, como um grande poeta, um pensador. A comprovação destes pontos pode ser comprovada se forem levadas em consideração as baixas vendas de seus livros, reeditados apenas para compor o título *Obra Poética Reunida*, este copilado lançado em 2013.

Ainda que Araripe Coutinho tivesse sido um operário da poesia, seu nome permanece silenciado em meio às políticas públicas culturais do Estado que o abraçou na infância. Os fatos indicam que foi através do descrédito popular, resultado de quem não se encaixou nos paradigmas sociais (nordestino/macho), que Araripe Coutinho construiu sua escrita, e, silenciosamente, montou sua poesia de resistência ao ordinário. Enquanto demais poetas foram ovacionados em Sergipe, por suas condutas masculinas, seus temas relacionados ao sertanejo sofredor e ao nordeste em si, Araripe Coutinho, um pária de nascença, sozinho, tentou sobreviver em meio à produção cultural estadual. Quebrando os paradigmas do convencional, o poeta lutou, em seu curto tempo de vida, para se fazer existir, principalmente, através de sua poesia.

Lançou 11 livros, incluindo a obra *“Amor Sem Rosto”*, que margeia todo este trabalho. Seus poemas são sofisticados e ao mesmo tempo populares, sendo construídos de forma simples e delicada. Araripe Coutinho mostrou que a sua escrita precisa ser pensada, e consumida, enquanto retrato da atualidade, principalmente, nos pormenores que envolvem o campo das sexualidades, das discussões de gênero e da liberdade de ser quem se é. Pontos estes que hoje fazem parte de inúmeras discussões na contemporaneidade.

Para se começar a entender a poesia de Araripe Coutinho se faz necessário mergulhar em sua história de vida. Sendo assim, este artigo se aterá a dados biográficos do autor e também a dois poemas de “*Amor Sem Rosto*” (1989), onde já se é possível vislumbrar os temas que serão futuramente tratados no decorrer de toda a sua produção escrita. Ele traçou caminhos que foram intensificados ao longo dos anos, mostrando que sexualidade, gênero e suas inúmeras dissidências deveriam constar enquanto temas trabalhados em comum acordo com o cotidiano das pessoas, por serem universais, devendo sempre ser revisitados. Sem fugir de seus ideais, o escritor nunca se absteve de se colocar em seus próprios versos, mostrando que seus pensamentos e sua vida eram marcadores para a composição de frases e contextos.

E é justamente para compreender como nasceu esse foco de escrita de Araripe Coutinho e seu olhar diante das sexualidades dissidentes, que se faz essencial compreender sua obra inicial. Por isto a escolhe de “*Amor Sem Rosto*”, que nasceu do ímpeto juvenil do poeta, porém, servirá de marcador para se compreender o que o ele queria expressar e, principalmente, sobre o que ele queria que as pessoas pensassem à respeito desses assuntos relacionados à sexualidade e ao gênero.

Analisando partes da primeira produção araripiana, este artigo vai se costurando em consonância às questões ligadas à identidade do ser poeta/homem trabalhada em Stuart Hall; levando em consideração a homossexualidade não escondida do poeta, através dos apontamentos de Félix Guattari, e se amparando no pós-estruturalismo, marcado pelas mãos de Michel Foucault. Todos esses autores cobertos pelas teorias de Judith Butler, que fomentaram questões ligadas ao gênero e seus pormenores.

Araripe Coutinho precisa ser visto e estudado enquanto um escritor-comunicador brasileiro, principalmente, por sua poética sem amarras, que conversava com as bases epistemológicas modernas, em nuances decoloniais que surgem permeadas de uma não-ética, de uma não-política e sem nenhum cunho moralista, porém, com total estética em sua composição escrita.

## O rosto de Araripe Coutinho

Carioca radicado sergipano, Araripe Coutinho nasceu em 1968. Foi abandonado pela mãe aos três anos de idade, e deixado num orfanato pelo próprio pai, ainda na infância. Foi adotado por uma família postiça, e na mocidade retornou ao convívio do pai, e assim seguiu de mudança para o nordeste brasileiro, sendo Sergipe o reduto escolhido.

Escrevendo desde a adolescência, ele se entendeu enquanto poeta ao sair da casa do pai, local ao qual nunca se achou pertencido, e foi sobreviver, enquanto

artista, morando de aluguel e favor em casas de diversos bairros da capital sergipana, Aracaju. Munido por suas dores familiares, a sensação de abandono que nunca o largou, e imbuído pela religiosidade – uma vez que estudou para se tornar padre (o que não aconteceu), o jovem poeta, na época, levou consigo uma identidade permeada de composições ambíguas, conflitos e a necessidade de se entender no contexto da efervescente década de 80; tudo isto resultando na produção dos seus primeiros poemas, pontos estes que iriam marcar sua vida enquanto escritor. O mix de desamparo, alívio e sobrevivência fez Araripe Coutinho emergir nas rodas intelectuais que se formavam naquela década. Inserindo-se no contexto do Jornalismo, do colonismo social e da poesia, ele conseguiu sobreviver.

Estudou no Colégio de Aplicação, entidade escolar ligada à Universidade Federal de Sergipe, e lançou aos 21 anos seu “*Amor sem rosto*”. A obra de 1989 acabou ganhando, na época, o Prêmio Poeta Santo Souza, oriundo da Secretaria Estadual de Cultura, dando a Araripe Coutinho o gosto de se pertencer no meio cultural do Estado.

Transitando entre o final da Ditadura Militar e o início da abertura política brasileira, e suas consequências para a arte brasileira (que se buscava entender suas próprias produções), o jovem Araripe Coutinho da década de 80 trouxe para a sua escrita sua maneira de enxergar a vida, embasando sua poesia com assuntos que lhe eram familiares: as desgraças familiares, sua homossexualidade (jamais escondida), e Deus. Tudo junto como uma forma de autoidentificação fluída, numa espécie de marca pessoal. Já naquele momento não era possível identificar quem era o poeta ou o homem. Ele mesclou-se em seus escritos e de maneira aberta se deixou perceber em seus versos. O uso da primeira pessoa dá essa conotação ao leitor mais atento, e permite-se mergulhar em pontos do pensamento araripiano marcados em seu livro de estreia.

A partir de uma linguagem subversiva e mesclando dissidências sexuais, homens pensando como mulheres, gêneros fluídos e personagens sem identificação aparente, o poeta acabou transcorrendo e construindo um caminho literário focado em diversas identidades, e assim suas poesias nasceram ousadas e libertárias.

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. O próprio processo de identificação, através do qual projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 1992, pág. 12).

“*Amor Sem Rosto*” é composto por 14 poemas, sendo sete embasados com teor amoroso e outros setes sobre religiosidade e relações familiares. Pelas escolhas de temas, não tratados regularmente na literatura poética brasileira, quicá sergipana, Araripe Coutinho acabou por instigar curiosidades desde o primeiro momento em que surgiu no cenário cultural sergipano, ao mesmo tempo em que se colocou numa redoba, justamente, por se revelar ousado.

Sem temer ser reconhecido em seu Estado como um escritor “viado”, como ele próprio muitas vezes se autodenominava, trilhou o apontado caminho “pecaminoso” de pertencer a uma espécie de marginalidade socialmente aceita, porém, sempre criticada.

Os homossexuais funcionam, no campo social global, um pouco como movimentos, capelas, com seu cerimonial particular, seus ritos de iniciação, seus mitos amorosos, como diz René Nelli. A homossexualidade continua ligada aos valores e aos sistemas de interação da sexualidade dominante. Sua dependência da normalidade heterossexual se manifesta por uma política do segredo, uma clandestinidade alimentada pela repressão e também por um sentimento de vergonha ainda vivo nos meios “respeitáveis” (particularmente entre os homens de negócios, de letras e de espetáculos, etc). A homossexualidade contesta o poder heterossexual em seu próprio terreno. Agora quem vai ter que prestar contas é a heterossexualidade. O problema está deslocado, o poder falocrático tende a ser questionado. Em princípio, uma conexão torna-se então possível entre a ação das feministas e dos homossexuais (GUATTARI, 1977, p. 34).

### Traços de dissidências na poesia araripiana

Justamente por se sentir tão à vontade escrevendo situações de sua própria vida, Araripe Coutinho entregou em “*Amor Sem Rosto*” muito mais do que uma reunião de versos. Ele construiu seu verdadeiro autorretrato a partir de seu olhar diante do mundo que o cercava, e diante de suas próprias predileções de vida. Ao longo de sua carreira enquanto poeta, a mesma folha de papel que tanto o libertou, também, o aprisionou como uma espécie de castigo por ele ser quem foi. Este apontamento pode ser comprovado no poema “Caso”, onde Araripe Coutinho relatou, em versos, uma relação amorosa entre dois homens, sendo possivelmente ele uma das personagens.

Antigamente o macho era eu  
(não sabia)  
Matei todos os amores  
Comprei todos os perfumes  
Com a intenção de iludir  
Não abria as cartas  
Rasgava os bilhetes sem ler

Não chupava drops para beijar.  
Hoje o macho é ele  
(mais perverso ainda)  
Não põe água nas plantas  
Não tira o prato da mesa  
Não dobra os lençóis  
Não pergunta se quero sair.  
Eu seguramente deixo tudo como está  
Fecho a porta do quarto para dormir  
Jogo o lençol dele no corredor  
Apago o abajur  
Somos duas feridas  
Eu amo esta distância  
Ele odeia este lirismo  
Mas o mais destruidor de tudo isso  
É tê-lo desmesuradamente em mim  
Rir da metáfora de beber no meu copo  
Ver sua sunga no banheiro  
E pôr para lavar (COUTINHO, 2013, p. 29).

Indo além da figura autor/poeta nordestino, da qual se é esperado, culturalmente, um espectro de masculinidade, Araripe Coutinho ousou em sua primeira obra não apenas mostrar relações (homo)afetivas mas também pontuou relações amorosas entre pessoas sem sexo definido, entrando, desta forma, no amplo campo dos estudos de gênero. Em pleno ano de 1989, com seu “*Amor Sem Rosto*”, ele se mostrou um desviante dentro do já apontado caminho dos des-viados.

A perda das normas do gênero teria o efeito de fazer proliferar as configurações de gênero, desestabilizar as identidades substantivas e despojar as narrativas naturalizantes da heterossexualidade compulsória de seus protagonistas centrais: os “homens” e “mulheres”. A repetição parodística do gênero denuncia também a ilusão da identidade de gênero como uma profundidade intratável e uma substância interna. Como efeito de uma performatividade sutil e politicamente imposta, o gênero é um “ato”, por assim dizer, que está aberto a cisões, sujeito a paródias de si mesmo, a autocríticas e àquelas exibições hiperbólicas do “natural” que, em seu exagero, revelam seu status fundamentalmente fantástico. (BUTLER, 1990, pág. 252).

O ser *Queer* nasce do desconforto de não se entender pertencente a nada estabelecido e assim, ao mesmo tempo, acaba por libertar-se das amarras sociais do devir homem e mulher, desregulando-se e desconstruindo-se as sexualidades pessoais, tirando de vez das caixinhas todos àqueles que não se encaixam em nada; os que já nasceram insatisfeitos com os paradigmas estabelecidos socialmente. Algo que remete diretamente à figura de Araripe Coutinho e sua poesia.

A desconstrução da identidade de gênero não é a desconstrução da política; ao invés disso, ela estabelece como políticos os próprios termos pelos quais a identidade é articulada. Se as identidades dei-

xassem de ser de ser fixas como premissas de um silogismo político, e se a política não fosse mais compreendida como um conjunto de práticas derivadas dos supostos interesses de um conjunto de sujeitos prontos, uma nova configuração política surgiria certamente das ruínas da antiga. As configurações culturais do sexo e do gênero poderiam então proliferar ou, melhor dizendo, sua proliferação atual poderia então tornar-se articulável nos discursos que criam a vida cultural inteligível, confundindo o próprio binarismo do sexo e denunciando sua não inaturalidade fundamental. (BUTLER, 1990, pág . 256).

No poema “Rastro”, ele mostrou isto e foi além. Enquanto a década de 80 discutia a liberdade de expressão através da cultural brasileira, que emergia dos porões das casas tradicionais brasileiras, com seus jovens demonstrando insatisfações pessoais, e artísticas; em Sergipe, o jovem Araripe Coutinho ultrapassou os muros sociais, pré-estabelecidos para sua pessoa e pontuou melhor como a questão do gênero não devia e nem podia ser um único parâmetro para se enquadrar uma pessoa, muito menos um corpo biologicamente de nascença masculino ou feminino.

Com “Rastro”, Araripe Coutinho assinou de vez sua entrada no campo da *Teoria Queer*<sup>4</sup>, se tornando, certamente, um dos primeiros integrantes desta corrente de pensamento em Sergipe. Na época, “Rastro” brindou o leitor mais atento com um aguçado e nada ortodoxo olhar diante da relação fluída entre duas pessoas, que no decorrer do poema se entrelaçam, tornando-se não um homem e uma mulher ou uma mulher e outra mulher ou ainda dois homens. O poema mostra que o ser representado pode-se transmutar entre os dois sexos, onde o mais importante era o amor envolvido.

Arrumo as malas  
Parto  
Estou farto de ser mulher  
A porta fecha  
A rosa de vidro desbotou  
Carlitos me entende calado  
Posso ser teus olhos  
(incenso e mirra)  
Miro meu gesto  
Teu sexo  
Minha mão profana  
Rasgo com os dentes teus lados.  
Pegue no meu ombro  
Quebre o batom que não gostas.  
Não me tocas  
Se me tocas

<sup>4</sup> A Teoria Queer questiona os parâmetros propostos pelas epistemes que se debruçam sobre gênero e sexualidade, questionando o que é masculino e feminino. O *Queer* vem de estranho, que está fora das normas.

Permaneço exausta  
Homem-mulher  
Entre a vidraça  
O estilhaço  
O rastro (COUTINHO, 2013, p. 32).

Desde o primeiro livro, a poesia de Araripe Coutinho pode ser analisada como uma ferramenta de quebra dos paradigmas sociais, não se classificando, em sua totalidade, como uma produção que retrata apenas o masculino ou o feminino, tornando-se assim: atemporal e não sexual, e jamais normativa.

O misto de dois sexos: quem é ao mesmo tempo homem e mulher é um monstro. Transgressão, por conseguinte, dos limites naturais, transgressão das classificações, transgressão do quadro, transgressão da lei como quadro: é disso que se trata, na monstrosidade. Mas não acho que é só isso que constitui o monstro. Para que haja monstrosidade, essa transgressão da lei-quadro tem que ser tal que se refira a, ou em todo caso questione certa suspensão da lei civil, religiosa ou divina. Só há monstrosidade onde a desordem da lei natural vem tocar, abalar, inquietar o direito, seja o direito civil, o direito canônico ou o direito religioso (FOUCAULT, 2001, pág. 79).

Ao longo de seus outros 10 livros<sup>5</sup> (todos de poemas), Araripe Coutinho fez questão de permanecer fiel ao seu eu descoberto e autoafirmativo, se apropriando daquilo que a sociedade apontava como desclassificado, tirando então de suas poesias o seu âmago para continuar sobrevivendo de sua própria escrita.

Enquanto se descrevia em seus poemas, Araripe Coutinho também desenhava o mundo em que estava inserido. Ao longo de seu primeiro livro, nota-se o quanto as relações amorosas, as dores da (auto)aceitação e a religião construíram fortes bases para que ele expresse suas ideias. Tudo leva a crer que o poeta aracajuano, por escolha e destino, se entendia enquanto um artista que não se definia apenas por seu sexo biológico, burlando o que lhe foi proposto enquanto poeta nordestino.

Futuramente trabalhando enquanto jornalista, colunista social, redator de peças publicitárias, mas sem deixar de lado, nem por um momento, a profissão poeta, Araripe Coutinho se mostrou vívido no processo de se criar dentro de resistências sociais, e até mesmo ao se definir enquanto poeta, ele muitas vezes optou por usar uma voz feminina para se impor, mas, sem se classificar ao mesmo tempo apenas como uma mulher; mostrando que tanto sua poesia quanto sua vida deveriam ser pensadas e analisadas de forma mais abrangente, algo que vai além dos versos, dos sexos.

---

<sup>5</sup> Asas da Agonia (1991), Sede no Escuro (1994), Passarador (1997), Sal das Tempestades (1999), O Demônio Que é o Amor, Como Alguém que Nunca Esteve Aqui (2005), Doabismodotempo (2006), Nenhum Coração (2008), O Sofrimento da Luz (2009) e O Coração de Chopin (2013).

Eu queria mesmo ter ficado em mim este tempo todo. As minhas lindas batatas da perna, minha vagina desejada, meu peito sem pelo e mesmo a minha voz, feminina e lânguida pronta para a conquista – eu pude dizer a mim mesmo, eis-me aqui! Réptil-jibóia, viva, com todos os dentes, convocada que fui para a imensa selva, onde possuí mais monstros que gente! Agora posso crer que não morri, está aqui os versos de toda a minha vida – e mais alguns que estão guardados na arca. Mas posso assegurar: caminho sobre um pátio de avencas, lírios e tenho presságios todos os dias com minha mãe que me abandonou aos três anos. Agora que estou aqui, deixo ao leitor estas páginas para além de mim: reflexão que somos de algo que não encontraremos nunca (COUTINHO, 2013, p. 8).

### Considerações finais

Diante da grandiosidade de sua obra, pós-estruturalista, Araripe Coutinho deve servir para estudos e outras análises, sendo enaltecido não só como homem subalternizado/marginalizado, que resistiu aos tradicionais cânones literários, mas sim justamente por se apresentar em sua escrita universal e ousada, justificando desta forma sua inserção no patamar dos mais importantes poetas brasileiros. Com “*Amor sem Rosto*”, o poeta mergulhou a sociedade sergipana num redemoinho transversal de temas solitários, e até certo ponto amargos, uma vez que ele deu entrada na *Teoria Queer* a partir desta obra inicial. Sendo o primeiro neste ponto, acabou também levantando a bandeira das dissidências nas sexualidades existentes, e desconhecidas, mostrando que as personagens descritas em sua primeira obra estavam fora do radar social e sexual dos brasileiros.

A poesia de Araripe Coutinho, como pode ser vislumbrada neste trabalho, precisa ser (re)vista como forma de contribuição para a quebra de paradigmas, estreitando neste contexto o diálogo com a *Teoria Queer* e sua forma de não se classificar em nenhum sexo (prê)existente, deixando os versos conduzirem o leitor para um pensamento que vai além da dicotomia homem-mulher, homem-homem, mulher-mulher.

Para entender um pouco mais a poesia de Araripe Coutinho se fez necessário mergulhar ainda mais fundo em quem foi esse homem, que viveu apenas 46 anos, mas que produziu diariamente livros, peças teatrais, artigos, crônicas, tanto para jornais e revistas quanto para diversos sites sergipanos. É possível sinalizar que Araripe Coutinho foi um dos poucos escritores sergipanos a ter uma produção constante no Estado, mas que, porém, ainda assim, pelos recortes divulgados na Imprensa Sergipana quando de sua morte, tudo indica que findou a vida na pobreza; sendo enterrado num cemitério público, dentro de um caixão doado.

Sete anos após a sua morte é notória a falta de reconhecimento socio-cultural de quem foi o poeta Araripe Coutinho. É importante frisar que na atualidade, praticamente, não existe nenhum estudo sobre a poesia araripiana, e conseqüentemente, sobre o poeta.

Desta forma, ao abordar o (não)reconhecimento deste homem, que viveu para a poesia, este artigo parece servir como o início de um ponto de luz diante da obra araripiana, sendo ao mesmo tempo um mecanismo para se começar a entender quem foi Araripe Coutinho, dentro do contexto das produções poéticas sergipanas. Ao se estudar a poesia de Araripe Coutinho automaticamente se analisará também o autor.

O traço que separa a obra e o poeta, na verdade, parece não existir, pois quando a pesquisa se adensa no contexto histórico e poético do mundo de Araripe Coutinho, esse enraizamento recairá no cerne daquilo que ele certamente previu: Araripe Coutinho é a sua própria obra poética.

### Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero** – Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

COUTINHO, Araripe. **Obra Poética Reunida**. Sergipe: Ed. J. Andrade, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais: curso no Collège de France 1974-1975**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GUATTARI, Felix. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1977.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.